



GT 053. Políticas patrimoniais, conservadorismo político e os novos desafios da antropologia

Simone Pondé Vassallo (Universidade Federal Fluminense, Departamento de Antropologia) - Coordenador/a, Patricia Silva Osorio (UFMT) - Coordenador/a, Renata de Sá Gonçalves (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (UNIRIO) - Debatedor/a

Nos anos 2000, as políticas de promoção do patrimônio imaterial propiciaram a chegada de novos atores no campo do patrimônio, como os chamados detentores, bem como a ampliação da participação dos antropólogos nessas esferas. Várias práticas de grupos subalternizados foram reconhecidas como patrimônio nacional e se beneficiaram de recursos públicos, contribuindo ativamente para as suas lutas por direitos. No entanto, com a mudança política ocorrida em 2016 e com o aumento das forças conservadoras, vários programas de democratização do patrimônio foram reduzidos ou mesmo interrompidos. Além disso, setores conservadores começaram a atuar mais diretamente nas práticas patrimoniais, gerando inúmeros impactos. Nesse contexto, no âmbito das atividades propostas pelo Comitê de Patrimônios e Museus da ABA, o presente GT busca refletir sobre as seguintes questões: quais os impactos das novas políticas patrimoniais e do aumento das forças conservadoras nas diferentes situações etnográficas e na atuação dos órgãos públicos voltados para o patrimônio? Quais os desdobramentos dessas novas políticas na própria pesquisa antropológica? Qual o papel do antropólogo como mediador entre essas diferentes esferas? Com o intuito de ampliar a reflexão para as diversas formas de atuação dos antropólogos, o GT se propõe a acolher trabalhos tanto dos que estão inseridos na academia quanto os dos que atuam em órgãos governamentais.

Da historiografia da belle époque às narrativas locais sobre o ciclo e decadência da borracha na Amazônia: apontamentos sobre patrimônio, arqueologia histórica e contemporânea

Autoria: Tiago Silva Alves Muniz

O que historiografia produziu sobre um ideário da belle époque amazônica? Como a antropologia lida com as narrativas locais sobre o ciclo e decadência da borracha? Como a arqueologia lida com os vestígios em estudos do contemporâneo? Neste work pretendo abordar a arqueologia como texto produzido no contemporâneo e pelo contemporâneo para refletir sobre o fazer/pensar arqueológico e patrimonial e seus desdobramentos em aspecto material/imaterial. Esta pesquisa teve início com os achados arqueológicos de garrafas de bebidas no Baixo Amazonas. A partir de tal materialidade do período da borracha, como venho denominando, busco refletir sobre contexto da borracha em escala local e regional no Baixo Tapajós. De tal forma, através de abordagem de antropologia multiespécie virar o olhar de seringueiros emudecidos e desprovidos de agência para perceber como as comunidades lidam com os vestígios na região e quais são as narrativas locais produzidas sobre este período. Busco assim aqui investigar as relações entre emaranhamentos de seres e suas coisas, destacando a influência de autores como Tim Ingold, Donna Haraway e Eduardo Kohn ao refletir sobre tais potencialidades materiais que configuram este patrimônio na Amazônia. De tal maneira, a abordagem aqui desenvolvida está voltada para as interações coisas-humanos desde a percepção do meio ambiente para compreender tal trama de relações e discursos sobre a materialidade do período da borracha, assim proponho a produção de etnografias sensíveis a outras narrativas não hegemônicas sobre os ciclos da borracha.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

